

GENERAL TORRES DE MELO

Sempre em busca de mais uma luta, na defesa ardorosa dos seus ideais



mesma maneira. Surpreendente para quem não o conhece.

Afinal, a imagem estereotipada do militar é a do homem rígido, enérgico, nada afeito à emoção. Destas três características, apenas as duas primeiras podem ser aplicadas a ele e como as foram em seus comandos, por sinal. Comandos em locais e situações tão distintas, suscitando as mais diversas histórias, contadas por ele com uma certa ponta de saudosismo. Momentos tensos e difíceis, em que o apoio da esposa foi a pedra fundamental, inclusive para conservar a estrutura de uma

Torres de Melo, o general que trocou o quartel pelo hospital, a vida militar pela assistência social, o uniforme verde pelo uniforme branco.

família que, mal se adaptava a um local, tinha de se transferir para outro. Mas restaram também momentos de alegria e realizações, nos quais não faltaram reconhecimentos, flores, aplausos.

O general agradece. E continua tentando fazer algo pelo povo brasileiro. Se o militar Torres de Melo hoje é história, o presente nos mostra o homem Torres de Melo do cotidiano da Santa Casa, lutando contra a falta de recursos; do Lar Torres de Melo, herdando a vocação humanitária da família; do Instituto dos Cegos, aqueles que “vêm espiritualmente”. Três batalhas que realmente parecem feitas sob encomenda para alguém treinado a enfrentar guerras durante toda a vida. Ao lado delas, uma guerra que o enerva ao simplesmente comentá-la: contra a corrupção dos homens públicos atuais. Guerra surda, na qual ele tentou contribuir como vereador. Nada, porém, que o impeça de continuar denunciando, falando alto e nervoso.

E assim ele continua, sempre procurando a todo tempo uma luta para se engajar. Preocupado com o futuro do país, assumindo erros de um passado em que chegou a se achar o dono do mundo e comandou homens que podem ter, muito bem, errado em diversos momentos. A disciplina militarista ainda se revela em mínimos detalhes, como na disposição das cadeiras colocadas em fila indiana para receber os alunos da Entrevista e que estes, subversivamente, alteraram por inteiro. Mas existe também o homem que coloca emoção em quase todas as declarações, alguém que lhe fita com olhos grandes e interrogadores e que procura em seus interlocutores uma correspondência de idéias e pensamentos. O general Torres de Melo, que os leitores vão conhecer a partir de agora.

Se alguns pensam que a vida de uma pessoa não pode estar toda escrita nas paredes do apartamento onde ela vive, ficariam estupefatos com o local. De um lado, um sem-número de placas e condecorações recebidas e guardadas com visível orgulho durante 44 anos de serviço às Forças Armadas. Um pouco adiante, as fotografias dos familiares decorando a geladeira. Na parede, ninguém menos do que ele mesmo, em sua definição mais precisa: uma pintura em que ele surge fardado, tendo ao fundo o pavilhão defendido ardorosamente durante toda uma vida, que pede a ordem e o progresso a uma nação que hoje está bem distante dessas duas virtudes. Estão, portanto, em uma decoração de apartamento, os traços mais marcantes da personalidade do general Francisco Batista Torres de Melo: devoção ao Exército, amor à família, serviço a uma pátria.

Tantos sentimentos afloram ainda mais quando ele é instigado a falar. A emoção vem de forma transparente, seja o carinho demonstrado aos entes queridos, seja a cólera ao citar nomes de distintas ideologias, como Lamarca ou Fernando Collor, mas que são colocados lado a lado como traidores do Brasil de Torres de Melo. De uma hora para outra, ele pode mudar da fala dócil para uma ira latente, em que chega a gesticular, bater na mesa, ficar vermelho. Assim como demonstra a emoção com facilidade, ele provoca, tanto o riso quanto o choro, da

**Entrevista com
General Torres de
Melo,
dia 09/11/99.**

**Produção, redação,
edição e texto final:**

Adilson Rodrigues, Cáritas
Rolim, Tassiana Ribeiro e
Victor Vasconcelos.

Texto de abertura:
Adilson Rodrigues.

Participação:

Adailma Mendes, Adilson
Rodrigues, Átila Bezerra,
Danielly Brasileiro,
Tassiana Ribeiro e
Victor Vasconcelos.

Foto: Arquivo - DN.



A escolha do General Torres de Melo causou algumas polêmicas, pois ele é um ex-militar, que participou da ditadura (1964 / 1985).

Adilson – General, existe o militar Torres de Melo e o homem Francisco Batista Torres de Melo, ligado a trabalhos sociais. Em qual atividade o senhor se sente mais realizado?

General – Olha, eu não tenho nenhuma diferença entre o militar e o homem social. Eu sou uma pessoa só. Porque o militar, a formação militar, o bom militar, ele vive intensamente o problema social dos seus subordinados. Então, nós aprendemos que temos que conhecer a vida do militar, sua família, seus problemas. Então, eu dizia sempre para os meus oficiais, para os meus subordinados que eu tenho que, como militar, saber de tudo. Então, está muito ligado ao campo social. Por exemplo, quando eu era capitão, na Escola Militar, eu olhava meus cadetes todos. Um dia, eu senti que um bom cadete estava começando a cair os graus. Então, um dia eu disse: “Vem cá, por que os teus graus estão caindo?” (o cadete): “Ah, porque eu tô doído, não quero mais namorar, eu queria acabar esse noivado”. “Rapaz, é tão simples de fazer. Tu pega, vai ao Rio de Janeiro, conversa com a moça, diz que não gosta mais dela, continuam amigos e vai embora”. Ele disse: “Eu não posso ir ao Rio de Janeiro”. “Por que você não pode? Vá ao Rio de Janeiro, acabe com o seu noivado e volte para poder ser um bom aluno”. Ele foi, voltou, continuou um ótimo aluno. Então, nós temos que saber a vida social de todos os nossos subordinados. Tanto é fácil de eu falar na Santa Casa como eu falo no quartel. Eu tenho que agir da mesma maneira.

Átila – O que levou o senhor a seguir a carreira

militar?

General – Quando eu era menino aqui no Ceará, era muito difícil a gente estudar. Porque meu pai era um homem pobre, (tinha) sete filhos, então, a gente tinha poucas opções aqui. Ou era a carreira militar ou era o (curso) Direito. Não tinha Escola de Medicina, não tinha nada. E eu entrei no Colégio Militar. Nessa direção, meu irmão mais velho (Artur de Freitas Torres de Melo, tenente coronel da reserva) e eu seguimos a carreira. Meu bisavô (Coronel João Batista de Melo) tinha sido militar, meu avô (Major Francisco

“(...) A vida militar é uma vida tão boa, tão alegre. É uma maravilha! Você viver dentro de uma ordem, do respeito. (...) Então, na minha vida militar eu nunca tive trauma.”

Batista Torres de Melo) tinha sido militar, então, era uma carreira normal pra gente, né? Por isso é que eu fui ser militar, gostava e gosto.

Tassiana - O senhor não acha que deixou de aproveitar de alguma coisa da infância, entrando tão cedo na vida militar?

General – Não, não. A vida militar não é rígida não, sabe? A vida militar é uma vida tão boa, tão alegre. É uma maravilha! (ar saudosista) Você viver dentro de uma ordem, do respeito. Haver respeito. A vida é respeito! Os jovens se respeitam. Os professores se respeitam. Então, na minha vida militar eu nunca tive trauma. Eu nunca tive conflito. Nada disso, pelo contrário, eu sempre tive bons

amigos, fiz belos amigos e tenho bons amigos na vida militar, como na vida civil. Aonde eu andei com a minha esposa, nós vivíamos dentro da comunidade civil. Eu vivia dentro da minha maçonaria (o general entrou na Maçonaria em 1950, na ordem do Grande Oriente. Atualmente, pertence à ordem da Grande Loja), lutando pelas minhas idéias. A vida militar é apenas uma exigência que cada um cumpra com o seu dever. E o resto vai tudo normal. As senhoras se dão, a gente vive alegremente, satisfeito. Não é nada disso que você me perguntou!

Tassiana – Por que se tem uma idéia de rigidez...

General – A idéia é criada pelos frustrados da vida. Então, há muita frustração daqueles que não aceitam viver dentro de uma boa comunidade. Você vê muito isso, quando querem destruir o país. Agora estão tentando destruir o país. Existe um falso sociólogo que tem por aí (refere-se ao presidente Fernando Henrique Cardoso) que nunca produziu nada e acha que a anarquia é o que faz este país. Nessa hora, dizer que nós somos isso e somos aquilo... Que não é verdade.

Victor – O senhor começou no Colégio Militar. Como é que era logo que o senhor entrou no Colégio Militar?

General - Era ótimo! Estudava muito. Belos professores. Os professores da minha época tinham valor. Eles eram homens da alta sociedade cearense porque ganhavam muito bem. Eles faziam concursos e entravam para o Magistério como Coronéis. Então, eles ganhavam como Coronel do Exército. O padre Misael (Padre Misael Gomes, professor de história do Colégio Militar de Fortaleza)

A equipe de produção considerou a entrevista com o general uma experiência jornalística bastante instigante e interessante.

me dava aula de história fardado de coronel. O professor Goulart (*professor de matemática do Colégio Militar de Fortaleza*), uma das maiores cabeças que eu conheci na minha vida, um gigante, morava perto do Colégio Militar, e chegava lá, vestia sua farda de coronel e nos dava aula. E assim, nós fomos andando dentro de uma ordem, de um respeito. Adiantava eu chegar em casa pro meu pai e dizer: “Papai, é porque o professor...” (*Ele dizia*): “Meu filho, o professor é o segundo pai. Vá primeiro estudar para depois chegar um dia aqui com conversa”. A vida era agradável, muito boa. Tenho muita saudade (*ar de saudosismo novamente*).

Tassiana – General, o que é comandar pro senhor? Qual a sua visão de comando?

General – Têm várias definições. Comandar é olhar no olho do subordinado e sentir que o olhar brilha. Se o olhar do subordinado brilha, você sabe que você é um bom comandante. É no olhar do subordinado que você sente que você transmite confiança. Então, comandar é conquistar confiança. É saber o que você quer com o outro, o que se deseja e ir em frente. Mas outros já dizem que comandar é ver detalhes como o Marechal Foch (*militar francês que comandou os aliados na Primeira Guerra Mundial*). Ele disse que comandar é ver detalhes. Outro, como o General La Font (*militar francês*), disse que comandar não é ter botões dourados, ou bastões de comando, comandar é sentir a alma do subordinado. Então, eu acho que a coisa mais difícil é comandar as pessoas, o homem, dirigi-lo,

porque o homem é um animal terrível.

Adailma – E que fatos o senhor identificaria como mais difíceis nesse período de comando?

General – A minha fase mais difícil? Hoje eu estava dizendo que eu comande a polícia de São Paulo, do Piauí, comande 18 anos. Ah, rapaz, eu acho que é mais difícil você comandar a Santa Casa (*de Misericórdia de Fortaleza*) (*risos*). Aí o negócio é complicado. Foram comandos muitos difíceis. No Piauí era a fome, soldado abandonado, humilhado e eu pegar aqueles

“Comandar é olhar no olho do subordinado e sentir que o olhar brilha. Se o olhar do subordinado brilha, você sabe que você é um bom comandante”

soldados e fazer deles gente. Não foi fácil! Eu vi soldados ansiosos para levar uma lata de leite para casa, porque as crianças não tinham comida. E nós fomos... levantando... conquistando a confiança. Porque a confiança você não impõe. Você conquista. Você vai aos poucos. Um bom comandante é quando você... são pequenas demonstrações... Um exemplo: no Piauí, uma das coisas que mais me emocionou foi quando eu já tinha deixado o comando. Eu ia em uma rua, andando a pé, sozinho, quando encontrei uma mulher e um menino. Quando ela chegou perto de mim, ela se ajoelhou e obrigou o menino a se ajoelhar. Aí disse: “Nós perdemos o nosso pai e agora, meu filho, tome a benção desse

homem, o seu pai tá vendo”. E começou a chorar e eu também. Já tô querendo chorar aqui (*visivelmente emocionado*). Então, aí você sente que foi comandante, sabe?

Danielly – O senhor se considera um bom comandante?

General – Eu não posso dizer se eu fui um bom comandante. Quem pode dizer isso são os meus subordinados, os que foram meus subordinados. Eu creio que sim. Agora, quem me julga é o subordinado.

Adailma – O senhor acredita ter vencido tantas barreiras nessa passagem pela Polícia Militar do Piauí. E agora vê a situação de escândalos envolvendo políticos, com tráfico. Qual a idéia que o senhor tem dessa mudança?

General – É muito simples, minha filha, é muito simples. Quando eu fui comandar a Polícia do Piauí (*de 1963 a 1967*), eu a encontrei angustiada, rasgada, estraçalhada por políticos safados, canalhas (*muito exaltado*) E oficiais que não tinham a mínima condição de serem chefes. Então, nós pegamos aquilo ali, organizamos uma “senhora” polícia. Soldado da Polícia Militar passou a ser honrado, a ser respeitado. Ele era apenas humilhado. Então, isso foi colocado em ordem, com respeito. Porque o soldado merecia respeito.

Eu vou contar um fato que talvez responda isso que você colocou. Quando eu resolvi que ia garantir pela primeira vez na história da Polícia Militar do Piauí, as eleições de 1966, (*até então, a polícia militar do Piauí não conseguia garantir a lisura das eleições locais. Com o general no comando, o quadro mudou*) foi uma luta terrível porque os



Todo o trabalho de produção foi baseado na busca pela resposta de uma pergunta: quem é o militar ligado a trabalhos sociais como a Santa Casa?

Os primeiros contatos com o general Torres de Melo foram feitos pelo pai do aluno Victor, doutor Gerardo Vasconcelos, médico da Santa Casa.



O general ficou muito emocionado com a escolha de seu nome e, desde o primeiro momento, colocou-se à inteira disposição da turma.

políticos não atendiam, o que eles queriam era safadeza. São uns canalhas. E eu disse eu vou fazer e fui. Então, eu não tinha dinheiro. Eu tinha que tocar na alma desse povo, né? Se eu não tocasse na alma, o que é que eu ia fazer? Eu me lembro que eu coloquei a tropa da capital que ia pro interior para guardar as urnas, para trazer as urnas para a capital. Eu botei todos eles num salão grande e falei. Então, o sargento, num museu velho, que não tinha nem sala, só uma sacola, dentro dessa sacola, um pedaço de rapadura, um pouco de farinha e eu dizendo pra eles que eu não tinha o que dar pra eles. A única coisa que eu estava dando para eles era a certeza que eles eram homens. Quer dizer, que deviam cumprir com o dever. E aí exaltei e tal. O que está acontecendo no Piauí? É a politicagem dentro da Polícia. Então, pegam péssimos oficiais, aí tem o corpo do governador, o corpo do vice-governador, o corpo de não sei de quê. Então, é por isso que está aí. Esse país está assim porque faltam com respeito à autoridade. Não tem autoridade. Não tem respeito à autoridade. Não tem autoridade. Não tem respeito. Um governador que se chama Mão Santa (*atual governador do Estado do Piauí*), e por aí vai. Então, o país está assim, não é? A FEBEM (*Fundação do Bem Estar do Menor*) (*marcada por uma onda de rebeliões com um certo grau de violência*), aquela FEBEM que vocês estão vendo em São Paulo eu vi no meu tempo e era assim. Nós ajeitamos a FEBEM, a Polícia Militar pegou 40.000 jovens, salvamos gente. Agora tá tudo de novo aí. Democracia!? Isso não é democracia (*tom de voz alto*)

O general recebeu, durante a pré-entrevista, um convite para ir a Portugal exatamente na data da entrevista: dez de novembro.

Isso é anarquia! Isso é anarquia! Este país está anarquizado. Só se pensa em roubar, em dar golpe, a lei de Gerson (*vem de uma propaganda de uma marca de cigarro em que o ex-jogador de futebol Gérson era o garoto propaganda. Ele dizia: "O importante é você levar vantagem em tudo, certo?"*) Não pode ser assim. Não pode continuar assim!

Tassiana – Este estado de miséria que o senhor encontrou no Piauí. O senhor achou, em algum momento, que não ia conseguir melhorar

“Democracia! Isso não é democracia. Isso é anarquia! (...) Só se pensa em roubar, em dar golpe, a lei de Gerson. Não pode ser assim. Não pode continuar assim!”

aquele Estado?

General – Não, nunca. Porque no dia que eu achar isso, perdi a guerra. Vou embora! Eu tenho que lutar até o fim! Então eu fui. O primeiro fogo que eu vi que ia sair (*no sentido de problema*). O que é que eu vou fazer meu Deus? Aí eu virei e fui na subsistência. Sabe o que é subsistência? Onde vende arroz, feijão, essas coisas. Que eu cheguei lá, vi aquelas... Vi aquelas prateleiras sem nada. Faltando tudo. Eu olhei, o coronel disse: “Comandante, não temos nada. Não tem arroz, não tem nada.” Eu peguei meu carro, uma kombi velha: “Coronel, onde é que tem aqui, tem algum lugar aqui que venda arroz?” “Tem uma fábrica aqui, de arroz.” Eu fui lá. Cheguei lá: “O senhor

não me conhece, eu sou comandante da polícia. Encha minha caminhoneta de arroz”. “O senhor não pode fazer isso.” “Bota o arroz lá dentro (*exaltado*). Eu não posso fazer o quê? Bota o arroz lá dentro que eu vou pagar essa porcaria! Bota o arroz lá dentro! Meus soldados não vão morrer de fome. Aí, vamos, bora, bora.” Aí levei o arroz, corri para a Assembléia, tinha um deputado que eu sabia que tinha uma fábrica de açúcar. Cheguei: “Deputado, eu sou o comandante da polícia, o senhor não me conhece, também não conheço o senhor.

Eu queria amanhã de manhã, um caminhão de açúcar.” “O senhor tem dinheiro pra pagar?” “Eu não tenho que perguntar pro senhor se eu tenho dinheiro ou não tenho. Eu quero saber o seguinte: o açúcar vai chegar lá na polícia militar amanhã de manhã, e eu vou resolver, e eu vou pagar o seu açúcar.” E aí eu fui e vamo, vamo, vamo. Porque você

trabalhando, resolve qualquer problema, o que desgraça é a preguiça, é a fofoca. Onde há trabalho, onde há ordem, onde há respeito, a coisa vai pra frente.

Átila - No comando da Polícia Militar de São Paulo, foi uma época muito conturbada. O Exército encontrou uma certa oposição, as Forças Armadas encontraram uma certa oposição de setores da esquerda, que queriam a restauração do voto direto...

General – (*Interrompendo*) Não, nunca queriam não. Queriam implantar aqui um regime comunista, comandado por Cuba, pela Rússia (*refere-se à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas*), pela

China. Uma coisa, meu filho, você precisa aprender: a esquerda queria implantar aqui um regime sócio-comunista, socialista, comandado pela Rússia, pela China, como hoje querem implantar aqui dentro, destruindo esta nação, vendendo tudo que esta nação tem para os Estados Unidos, para a Inglaterra, a Alemanha. Também nós somos contra. Quem manda nesse país aqui chama-se brasileiro (*bate três vezes com a caneta na mesa*). Agora, aqui não era possível chegar um barbudo (*alusão à Fidel Castro, presidente de Cuba*) e dar ordem aqui dentro. Porque se a esquerda queria isso, fosse fazer lá em Cuba. Vão lá, não gostam de fazer democracia? Vão pra Cuba pra ver lá o que é que acontece, vão tudo pro Paredón (*alusão aos crimes políticos que, segundo denúncias de organizações de direitos humanos em vários países, são cometidos em Cuba contra aqueles que discordam do regime comunista*).

O Exército estava lá no seu canto, nós não tínhamos nada a ver com isso, então começaram em 1969, o seu Marighella (*Carlos Marighella, ex-integrante da Executiva do Partido Comunista Brasileiro – PCB, o partido – um dos principais dirigentes da Ação Libertadora Nacional – ALN – organização dissidente e uma das principais dissidências que deflagraram a guerrilha urbana no país, entre 1968 e 1973*), com a turma dele... que hoje um deles, é o secretário da Presidência da República, deputado Aloysio Nunes Ferreira, que é assaltante de trem e de carro pagador, sabia? Sabia? O que é que você acha de um sujeito

que assalta trem e carro pagador, me diz? Anda, rapaz, diz? Eu também tenho direito de perguntar, vocês só querem me lascar aqui (*risos*). Não é não? Não é não? Então, nós estávamos dentro dos nossos quartéis, nós não queríamos... Meu caro amigo, se a gente for conversar aqui sobre 64, ih, nós vamos longe. O diabo é que eu vou ter que viajar, quando for seis e meia pra sete horas, eu tenho que encerrar. Mas esse é que é o problema. Então, lá em São Paulo, o que havia no começo, quando nós fomos, o que havia em São

“Porque você trabalhando, resolve qualquer problema, o que desgracia é a preguiça, é a fofoca. Onde há trabalho, onde há ordem, onde há respeito, a coisa vai pra frente.”

Paulo, quando nós fomos pra lá...

Tassiana - O senhor nem conhecia São Paulo, não é?

General - Nem conhecia. Quando disse para minha mulher, ela tremeu toda. Eu não conhecia ninguém (*enfático*). Pra não dizer que não conhecia ninguém, conhecia uma família, que era uma prima da minha senhora. Só. E mais ninguém. E eu fui, enfrentei e ganhei uma guerra, porque quando saí de lá me jogaram flores, em mim e na minha mulher. Agora se jogaram flores, se isso é crime, jogar flores...

Tassiana - A experiência mais marcante que o senhor lembra de São Paulo?

General - Olha, foi tanta

coisa... tanta coisa bonita (*quase sussurrando*) porque eu acho que eu devo dizer pra vocês que são jovens, as coisas bonitas, as coisas que engrandecem a vida, né? Porque de desgracia já chega o que estamos vivendo aí, né? Com a democracia entre aspas brasileira, né? Você, talvez saia daqui e vai ser assaltado, viu (*dirigindo-se ao Átila*)? Democracia, né? Eu vou ver se eu consigo dizer assim coisas bonitas...

Tassiana - Marcantes.

General - Marcantes, que marcaram. Vamos lá. Primeiro... primeiro, o seguinte: quando eu assumi o comando, eu assumi no dia 30 de abril. No dia 13 de maio, 14 de maio, por aí, é só ir ali no calendário, era o primeiro dia de maio, dia das mães, né?

Victor - Primeiro de maio é Dia do Trabalho.

General - Não, o primeiro domingo de maio é o Dia das Mães, né?

Todos - O segundo.

General - O segundo. O segundo domingo de maio é o Dia das Mães. Eu então (*bate na mesa 3 vezes*) digo: “Vou ganhar essa guerra...” Porque todo mundo me olhava assim: “O que é que esse cearense vem comandar São Paulo?” Eu fui lá por causa de uma crise terrível que estava havendo, porque a polícia... tinha havido aqueles incêndios terríveis (*ocorreram dois grandes incêndios na capital paulista na década de 70. O primeiro no Edifício Andraus em 1972 e o segundo no Edifício Joelma em 1974*)... no governo Laudo Natel. Eu mandei chamar o chefe da 5ª seção de Relações Públicas: “Major (*bate na mesa com a caneta 3 vezes novamente*), eu quero que todo meu soldado, aonde ele estiver, do soldado



Sem mais esperança de fazer a entrevista, a equipe de produção conseguiu marcar para o dia nove, no apartamento do general, antes de ele embarcar.

O general tentou, de todas as formas, contornar o problema criado por sua viagem. Sugeriu, inclusive, dar a entrevista no sábado.



O general conquistou inteiramente a equipe de produção, principalmente as alunas Tassiana e Cáritas, que ainda não o conheciam pessoalmente.

ao coronel, aonde ele estiver, a mulher dele vai receber um cartão meu no Dia das Mães". Ele disse: "Não pode". E eu: "Major, eu não perguntei ao senhor se pode ou se não pode, eu disse ao senhor que (irritado) no Dia das Mães eu quero que todas as mães recebam um cartão. Então o resto é seu". "Mas como é que eu vou fazer?" "Muito simples, quantos cartões são?" "Cinquenta mil". Eram cinquenta mil poucos. "Então faz cinquenta mil e poucos. Pega e manda pro batalhão". Vamos supor... eu disse assim: "Batalhão de Sorocaba. Chama o comandante aqui, tá aqui os cartões de Sorocaba. Comandante chama capitão, capitão chama tenente, tenente chama sargento e vai entregar em cada casa. Qual é o problema?" "Ah, assim..." Eu disse: "É assim que se faz a coisa". Eu sei que mandou os cartões.

Com esses cartões eu abri as portas... eu passei a ter as mulheres ao meu lado. Porque elas nunca tinham sido valorizadas. Elas não eram gente. Você entendeu? Então quando eu chegava na casa do soldado ela estava com o cartão na mão: "Foi o senhor o único que me deu um cartão na vida." Isso foi uma coisa marcante. Outra coisa marcante... puxa vida, o soldado é um sofredor, sabe? Não é o soldado em si, qualquer um que tá ali. Comecei a sentir... Quem queria falar comigo podia ir lá em casa, cinco e meia da manhã pras seis. Aí, como as mulheres não chegavam lá porque (faz expressão de assombro) "o capitão, o tenente, o dono do mundo..." Porque vocês, jovens, são os donos do mundo, mas só que vocês vão ficar velhos, sabiam? Ou não sabiam? É bom que saibam,

que isso é bom! Vão ficar velhos e vão morrer, e isso é que é o pior. Só não sei se vão ficar da minha idade, 75 anos, podem morrer antes...

Átila – Na sua juventude, o senhor já chegou a se achar o dono do mundo?

General – (exaltado) Eu também pensei que era o dono do mundo. Eu pensei que era o dono do mundo, quando eu cheguei aspirante aqui, com meus botões aqui, de ouro, eu pensei: todas as moças vão ser obrigadas a namorar comigo. Porque eu achava que era o maior. E eu era simplesmente um bestalhão. Eu achava que

“(...) porque vocês, jovens, são os donos do mundo, mas só que vocês vão ficar velhos, sabiam? (...) Só não sei se vão ficar da minha idade, 75 anos, podem morrer antes...”

tudo que era moça tinha que olhar para mim e dizer: “Eu quero namorar com você”. E isso é o fim do mundo. Mas a juventude é assim, e se não for assim não é jovem. Então eu tava contando um negócio...

Tassiana – Cinco e meia, na casa...

General – Cinco e meia. Eu em casa, chegava, abria a porta, estava lá feliz. Era mãe, era o esposo, (eu) cheguei e disse: “O quê? Qual o problema? Anda, vamos tomar café, senta aí” que minha mulher já estava por ali. “Qual o teu problema?” Aí chegava um, chegava o outro, então eu me lembro bem de uma velhinha que chegou e eu disse: “Por que a senhora está aqui numa hora dessa?” “Porque eu vou morrer” “Não...” Ela disse:

“Vou. Estou com câncer, só tenho um filho. Meu filho tá aqui, eu moro numa cidade do interior de São Paulo e eu queria que meu filho fosse lá, porque vou precisar dele, vou morrer pelo amor de Deus não me abandone”. Eu disse: “Seu filho vai pra lá”. Era uma cidade do interior, não me lembro o nome. Aí eu, por coincidência, logo depois eu vou visitar essa cidade, cheguei à tardinha, eu tinha marcado para chegar de manhã, mas aí a coisa foi complicando, quando fui chegar já era à tarde, que eu olho, tava a velhinha, com uma flor que ainda tenho aí dentro (aponta pra um armário). Uma florzinha na mão, murcha, aí ela chegou pra mim: “Ô comandante, desde de manhã que eu estou aqui ela já murchou. Mas aqui tem amor”. “Cadê seu filho?” “Não, ele já chegou”. Então... a felicidade que eu dei àquela criatura não tem dinheiro que pague, tem? A alegria como ela olhava pra mim... como se eu fosse assim, um Deus. Quer dizer,

quando a gente faz o bem, procura ajudar, vai...

Outra coisa que me marcou profundamente: logo que eu assumi o comando, fui visitar o meu batalhão que tomava conta de menores, depósito de menores, primeira coisa que eu fui. Eu fui por quê? Porque eu tinha lido num livro duma socióloga que crianças em São Paulo, nesses depósitos, eram comidas por ratos. Eu olhava aquilo naquele livrinho, que eu estudava muito, gostava de ler, e disse: “Isso aqui é conversa de socióloga”. Cheguei lá, quando cheguei lá no pátio, um banheiro sujo, um cimento horrível, uma criança deitada e eu digo: “O que é isso?” “Não, foram os ratos que comeram”. Aquilo... aquilo me revoltou, nós gritamos, eu e o

A pré-entrevista, marcada para o dia quatro, na Santa Casa de Misericórdia, demorou mais de meia hora pra começar.

coronel Erasmo (*Antônio Erasmo Dias, ex-secretário de segurança de São Paulo e ex-deputado federal pela Aliança Renovadora Nacional – ARENA – SP*), gritamos, mandamos comprarroupa para essas crianças, tirei minha polícia de lá que isso não é papel pra polícia e tal, aí organizou-se a FEBEM (*Fundação do Bem Estar do Menor*), a FEBEM ficou linda! Agora, antes, antes, nesse interregno, nomearam um delegado de polícia pra ser... O cara: “Qual é o carro que eu vou comprar?” Tinha de comprar dois carros. “Eu compro um Dodge Dart, eu compro um Chevrolet?” E a criança, animal, imbecil? Então isso que tá acontecendo na FEBEM (*refere-se às rebeliões ocorridas nas unidades de São Paulo, em outubro e novembro passados*) é porque falta amor. Ninguém quer trabalhar, ninguém quer fazer força. Você entendeu? Então é isso que tá aí. Acho que já chega, né?

Tassiana – Certo. E o pior momento?

General – (pausa) Olha, o momento mais difícil que eu passei foi quando... Na PUC (*Pontifícia Universidade Católica*). Foi quando eu recebi ordem pra cercar a PUC. Então, nós chegamos sete horas da manhã e cercamos uns dois quarteirões, cercamos a PUC. E eu dei a seguinte ordem: “Todo mundo pode sair da PUC. Mas ninguém pode entrar”. Era eu e o coronel Paulo Lúcio, que era o comandante da tropa direto. Com essa ordem vou ganhar a guerra, porque é uma questão de tempo, né? Eles vão ter que comer, né? Eu tô na vantagem, né? Tem comida, tem tudo, os alunos lá dentro... vamos ver quem ganha a guerra. Então

pronto. Aí a PUC foi se esvaziando. Quando foi mais ou menos sete horas da noite eu vi uma coisa que até hoje não me sai: os policiais civis invadiram a PUC. Eu ainda corri pra ver se evitava isso, não houve jeito, aí eu fui obrigado a cumprir ordem, porque o militar cumpre ordem, a levar os jovens – ainda tenho uma fotografia minha – levar os jovens para o batalhão. Eu olhava para aqueles jovens e via os meus filhos, né? E eu cerquei tudo e eu falei: “Aqui ninguém entra, esses jovens... absolutamente não vai, aqui não vai, aqui eu tomo conta,

“Nunca. Nunca. Nunca. Porque eu não admitia. Eu não posso admitir, minha senhora, a tortura. Ninguém admite. No Exército brasileiro não existe isso.”

não quero...” E aí fomos pegando, botando aquele pessoal no ônibus e chegava uma mocinha daquelas grávida e eu chegava: “Foge, vai por aqui, vai embora pra casa”. E eu dando fuga a um bocado daquelas meninas que não tinham nada pra... Porque os responsáveis, aqueles que tocavam fogo naquela juventude, estão longe.

E aí passamos a noite toda no quartel, aqueles jovens sentados no pátio, e eu vamos, vamos, mandei fazer sanduíche, dar sanduíche, Coca-Cola e os pais me chamavam no portão e vinha uma mãe, eu ia lá: “A minha filha”. E eu: “Tenha calma”. Aí abraçava a mãe, abraçava o pai e aí eu chegava: “Vem cá, foge por aqui”. Então foi um

momento difícil para mim, muito difícil, porque eu via naqueles jovens eles sendo explorados por uma minoria safada, canalha. E tá aí. Então é isso. Como é que tá o Brasil? O Brasil da esquerda, não tá aí? E eu olhava aqui, meu Deus, o que eu vou fazer?

Adailma – Nesse momento difícil, o senhor...

General – Difícil, porque se morre uma jovem dessas, um jovem, eu até hoje teria um remorso, mesmo que eu não fosse culpado diretamente. Mas eu era responsável por isso.

Adailma – O senhor chegou a presenciar algum momento de tortura ou maltrato da polícia militar com esses jovens?

General – Nunca. Nunca. Nunca. Porque eu não admitia. Eu não posso admitir, minha senhora, a tortura. Ninguém admite. No Exército brasileiro não existe isso. Não é esse o Exército que nós conhecemos. Esse Exército aqui, esse aqui (*apontando para a manchete da Folha de São Paulo, no dia da entrevista*) não faz isso. Esse Lamarca (*Carlos Lamarca, capitão do Exército que integrou a Vanguarda Popular Revolucionária – VPR – tendo ingressado depois no Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR 8 -, quando foi morto no sertão da Bahia em 17 setembro de 1971*) que tá aí, que vocês lêem aí... são bandidos. São bandidos. Canalhas. Sabe o que é que ele fez com um tenente meu, esse Lamarca, sabe o que é que ele fez, no Vale da Ribeira? (*exaltado*). Hoje, o capitão Mendes tá enterrado e que esse cardeal que tá aí, como é o nome desse cardeal em São Paulo? Esse bispo aí que eu disse vá rezar uma missa pra



A conversa com o general, na pré-entrevista, estava tão agradável que durou quase duas horas, o mesmo tempo de uma entrevista normal.

Durante a pré-entrevista, mesmo com todos os problemas e as perturbações, ele fez questão de afirmar, em bom tom: “A minha vida é um mar de rosas”.



Ao falar, na pré-entrevista, de sua ex-esposa já falecida, ele se emociona e chora. Ficamos todos sem jeito de retomar o assunto.

ele...

Victor – Dom Cláudio Hummes?

General – Não.

Victor – Dom Paulo Evaristo Arns.

General – É, esse Paulo Evaristo Arns. Esse Lamarca prendeu a patrulha da polícia, com um tenente, o tenente não foi preso, quando o tenente viu o soldado dele preso, o tenente foi e se apresentou e disse: “Olha, eu me apresento por ele, solte o meu soldado”. Sabe o que o Lamarca fez? Mandou ele se ajoelhar e quebrou e amassou a cabeça do tenente com coronhadas. Isso é um bandido! Tá (o tenente) lá enterrado. E nenhum padre foi rezar uma missa no túmulo dele. (pausa) Tá aí. Isso aí que eu estou dizendo eu vi. Então, não dá, não posso fazer isso. Por que eu vou pegar a senhora e vou maltratar? (olhando para Adailma) Tem cabimento eu ir fazer uma coisa dessa? Matar, tem cabimento um negócio desse? Me responda. Tá pensando em quê?

Victor – Mas o senhor acredita que isso não aconteceu em lugar nenhum no país naquela época?

General – O quê? Aconteceu foi coisa...

Victor – Essa tortura, por parte do Exército.

General – Meu caro amigo, o Exército é composto de homens, as polícias são compostas de homens. Então 54 mil homens era a minha polícia de São Paulo. Então eu posso amanhã dizer para você naquela época – que um soldado meu pegou uma moça, que estuprou, posso? Porque ele é homem, não é homem? E onde tem o homem não tá o diabo? Olha, onde tem homem, aonde tem mulher e aonde tem o dinheiro, o diabo tá ali (risos). O diabo tá ali (enfático) (risos).

Então... é verdade. É uma coisa terrível. É preciso ter formação cristã, é preciso respeitar as pessoas, meu Deus do céu! Então eu chegava para os meus soldados e dizia: “Olha, o homem, quando está preso, ele está preso. Ele tem direito à defesa do Estado. Na guerra, na luta, mata cá, mata acolá, tá certo. Mas você chegar...” porque são os mais covardes! São os mais covardes, são esses que batem... tipo Lamarca, um covarde. Quando se vêem donos do poder... Você quer ver um homem, você dê o poder. Você quer ver o caráter do homem, você dê o poder. É

“(...) Olha, onde tem homem, aonde tem mulher e aonde tem o dinheiro, o diabo tá ali. (...) É preciso ter formação cristã, é preciso respeitar as pessoas, meu Deus do céu.”

um perigo se o homem não tiver uma formação honesta, séria, digna, este homem com o poder na mão é capaz de todas as misérias.

Tassiana – O senhor encontrou muita gente assim?

General – Eu encontrei gente pior do que isso, minha senhora. Eu encontrei gente muito pior do que isso. E esses são os canalhas que existem em qualquer que seja a instituição. Você teve a Inquisição na Igreja, você teve um Stalin (*Jossif Vissarionovitch Djugatchvili, nascido em Gori, na Geórgia, em 21 de dezembro de 1879 e morreu em Moscou, em 05 de março*

de 1953. Adotou o pseudônimo Stalin, que significa o homem de aço, em 1913, quatro anos antes de ser um dos líderes da Revolução Russa, que instaurou o regime socialista na extinta União Soviética) que matou não sei quantas milhões de pessoas pelo mundo e por aí vai. Por quê? São homens que não sabem ter o poder. Você quer ver por que eu fui ... nós tivemos uma questão em São Paulo, eu e o Erasmo Dias e eu disse: “Erasmo eu sou contra”.

Erasmo Dias era o secretário da segurança em São Paulo naquela época. Meu colega de turma. “Erasmo, não vamos fazer isso”. “Ah, mas eu acho que é uma solução boa...” “Você pode fazer. Eu aceito, porque você é meu chefe. Mas eu sou contra.” Era (a criação da figura do) inspetor de quartelão. Doutor, você pega, dá uma carteira de inspetor de quartelão, tome cuidado com o inspetor de quartelão! Porque se ele não tiver caráter... Qual é a pessoa mais importante de um destacamento de polícia do interior? Qual é? Vamos ver. Agora eu faço essa pergunta e ninguém me responde. Qual é? É a rapariga do cabo comandante do destacamento (risos). Ela acha que é a dona do mundo porque ela namora o cabo, e o cabo é o comandante. Se ele é o chefe, eu sou o chefe também. E lá vai o rolo. Ou não é? É o homem, o homem é isso aí. A rapariga do cabo comandante do destacamento, saia do meio. Eu tenho medo de três coisas na vida: juiz novo, que pega e faz assim (empunhando o exemplar da

Logo após a pré-entrevista, ele nos acompanhou e disse que precisávamos ir pra rua, que tínhamos de lutar pelo nosso País.

Constituição e fazendo caretas): “Constituição” (risos), é ou não é? Aspirante (alterando a voz), porque é o dono do mundo, porque voltou endourado, e delegado novo. Saia do meio. Saia do meio que o negócio é feio.

Victor – General, o senhor citou antes da Polícia Militar que era cearense e ia comandar a polícia de São Paulo, era um nordestino comandando a polícia de São Paulo...

General – Era, nordestino véi, só que eu não era cabeça chata.

(Chega o capitão José Eugênio Alberto de Melo. O general o saúda e o convida para assistir à entrevista)

Victor – ... Então, o senhor era um cearense que ia comandar a polícia de São Paulo...

General – É, mas sou brasileiro.

Victor – O senhor percebeu algum tipo de rejeição?

General – Não...

Victor – Alguma objeção por ser cearense, nordestino?

General – Não. Eles achavam... o quê?, “cearense véi, coisa...”, mas eles aceitavam muito bem, porque eu era coronel do Exército, usava minha farda do Exército e comecei a conquistá-los. E aí fomos e eles viram que o negócio era pra valer, né? E graças a Deus quando eu saí, até hoje lá, há a Polícia Militar antes e depois do coronel Torres de Melo. Agora tá lá o outro né? Direitos humanos, lá se vai e essa confusão que tá aí, né?

Danielly – General, o senhor falou de abuso de poder, de pessoas que se utilizam do poder. Como o senhor administrava o poder que era delegado ao senhor?

General – Eu? Porque eu tinha uma formação. A formação se aprende em casa. Meu pai me disse uma verdade que eu nunca esqueci na vida e que eu vou te dizer e que tu (*olhando pra Danielly*) também nunca mais vai esquecer: estar no cabo do chicote é bom, mas estar na ponta dói. Então meu pai dizia: “Meu filho, olha, tu tens o poder da farda. Mas tu tens acima de tudo o poder de ser cidadão deste país”. No meu Exército, meus professores de academia, de Direito, me diziam assim: “Olhe...” Porque eu fui criado na ditadura

“(..) Você quer ver um homem, você dê o poder.

(...) É um perigo se o homem não tiver uma formação honesta, séria, digna, (...) é capaz de todas as misérias.”

Vargas (*Getúlio Dornelles Vargas governou o Brasil como ditador no período de 1937 a 1945, o chamado Estado Novo*), a única ditadura que existiu neste país... (*sic*) Então eles diziam: “Isso não pode continuar”. Eles me ensinavam Direito, com respeito à lei. Democracia é o respeito à lei. Então eu fui educado nisso, no respeito à lei, no respeito ao cidadão, à pessoa humana. Eu não tenho o direito de humilhar ninguém. Eu não posso... então nós fomos educados... todos os meus alunos da academia foram educados... seja homem, respeite os outros e vai... porque um professor que humilha, um professor na sua sala de aula que diz um nome feio tá lhe faltando com o

respeito, ele tá abusando da autoridade dele. Isso não pode ser professor. Devia vocês botarem pra fora, chegar pro diretor: “Este é um crápula, não sabe respeitar os seus alunos”. Eu tô certo ou tô errado? E é o que vocês estão aprendendo nessas universidades, porque falta respeito, os professores deixaram de vestir... eu não sou a favor do paletó e da gravata não, mas tem que haver... então quando entrava no nosso tempo aqui, um professor, um professor desses, um médico um Newton Gonçalves, (*professor da Universidade Federal do Ceará e ex-reitor da UFC*), ele foi professor... (*agora, um professor que*) não faz nem a barba de manhã. Tô certo ou tô errado? Não bota nem desodorante. Não estou dizendo que na sua escola tem isso, porque eu não sei, mas eu estou falando de uma maneira global. Então o que acontece é isso aí. Não há respeito, ninguém se respeita.

Respondi à senhora? Quando se dá o poder, o poder de professor... como é o poder de general, como é o poder de Presidente da República. O Presidente de República que chega e vai atacar o Supremo Tribunal Federal não podia... ele tinha que deixar de ser Presidente da República. Porque ele não pode criticar a decisão do Supremo, que é a última defesa do cidadão (*bate na mesa*). A senhora (*dirigindo-se a Adailma*) entendeu o que eu quero dizer? Eu não sou a favor... é a lei, é a lei, é a lei (*enfático*). Hoje parece que eu vou ser multado, porque eu acho que avancei o sinal vermelho, até disse para minha mulher, minha filha, eu estou tão... acho que eu avancei o sinal vermelho, puxa eu



O general era muito requisitado. Assinava papel aqui, ali. Atendia ao telefone. Resolvia um problema... Ele ficou dividido.

O general esperava os alunos como se fosse dar uma palestra: cadeiras enfileiradas, livros em cima da mesa. Logo, os alunos arrumaram as cadeiras em roda.



A entrevista teve vários momentos de descontração. Alguns alunos chegaram mesmo a se descontrolar de tanto rir, com as provocações e piadas do general.

cometi um crime! Eu tô arrasado. O que é que eu posso fazer. Vumbora, vumbora.

Tassiana – Como foi comandar a 10ª Região Militar?

General – Eu como major servi aqui, na Revolução de 64 eu estava no Piauí, aí voltei e vim comandar a 10ª Região Militar.

Tassiana – Como foi essa experiência? Como foi retornar?

General – Foi uma beleza. Difícil pra burro, porque eu tive muitos problemas, mas eu acho que me realizei aqui. Eu peguei o Hospital Militar (do Exército) onde ele serviu (apontando para o capitão Eugênio). Ele pode dizer o que é o Hospital Militar antes e depois de mim.

Capitão Eugênio – O Hospital Militar praticamente não funcionava. Embora nós tivéssemos médicos convocados, existia uma certa benevolência do diretor com os médicos. Eles saíam do expediente, voltavam a hora que queriam, nunca comunicavam à direção e os pacientes ficavam aguardando na filas dos ambulatórios. Depois que o general assumiu o comando, ele deu uma feição de hospital ao Hospital.

General – (risos) É, mas não vamos entrar em detalhes. Eu peguei e mudei tudo. Meu filho, eu só cumpri com o meu dever. Agora, eu era chato, eu chegava três horas da manhã, se eu chegasse no quartel dele e tivesse uma barata... Ave, Maria, era um escândalo! Só isso, minha filha, eu cumpria com o dever. Eu não gritava com ninguém, não deixei inimigos, todos são meus amigos, agora, eu não brincava em serviço. O diretor da faculdade de vocês que não chegue primeiro e não saia por

último, tá ruim. O diretor da faculdade de vocês que não vá visitar as salas, que a sala esteja assim, e que não esteja ruim... tá ruim. Tá faltando chefe. Vamos lá. (pausa) Pode perguntar o que você quiser.

Victor – General, para o senhor, sair daqui e voltar como general, foi uma vitória pessoal atingir o ápice e voltar pra comandar no seu Estado?

General – Olha, a primeira coisa é o seguinte, certo: você sair general é uma vitória maravilhosa. Porque você durante... Eu saí general em 78. E eu saí aspirante em 46. E de 46 para 78 são 32 anos, né?

“Qual é a pessoa mais importante de um destacamento de polícia do interior? Qual é? Vamos ver. (...) É a rapariga do cabo comandante do destacamento. É a dona do mundo”.

Então durante 32 anos eu fiz força, trabalhei honestamente, eu aprendi até a dormir em pé, que eu acho que vocês nunca aprenderam, é bom mesmo... porque não tinha tempo, pra poder estudar na academia, eu não sei se já falei isso pra vocês, eu aprendi a dormir em pé. Eu ficava encostado na parede assim (encosta na parede) e ficava assistindo às aulas que os tenentes estavam dando pros alunos. E eu dizia: “Bem, agora os alunos não estão me vendo...” Eu me encostava na parede e dormia em pé. Ali eu dormia uns cinco minutos, era uma beleza. Porque de noite eu tinha que estudar. Então, quando a gente vai chegando a coronel, você

se realiza, como eu me realizei no comando de São Paulo... Você estar lá no Mato Grosso um dia e chega uma notícia, você saiu general, é assim como se fosse um sonho, sabia? Puxa vida, eu consegui chegar lá. Aí você tá em Brasília, um ministro manda dizer: “Olha, tu vai comandar tua terra”. Aí, pronto, é o máximo, né? Cheguei aqui e não era mais um aspirante, né? Porque quando eu desci aqui, aspirante, eu disse: “Agora sou o dono do mundo”. Eu quando cheguei aqui general eu disse: “Que responsabilidade”. Então, meus passos eram medidos, minhas conversas eram medidas, eu não podia falar, eu tinha que ouvir, né? O pessoal começava a chegar lá: “Ô general”. E realmente a responsabilidade, a função, a responsabilidade é muito grande. Então, no dia em que eu fui embora eu disse: “Graças a Deus, eu me saí bem”.

Victor – Como foi a sua reação quando o senhor soube que era General?

General – É interessante pra vocês saberem o que é a vida. Eu entrei em lista pra General, na minha época tinham 15 vagas e eu era o 17º. Então, eu poderia sair na outra promoção de julho. Aí eu estava conformado. Tudo bem. Os companheiros eram ótimos. Eu estava lá em Campo Grande (capital do Mato Grosso, situado na região Centro Oeste). Aí é interessante essa passagem da minha vida porque é fora de série um negócio desse. Então, toca o telefone, era o Erasmo, velho companheiro meu de São Paulo: “Arataca, não deu pra ti Arataca. Agüenta firme que em julho tu sai.” “Tá bom. O que é que eu posso fazer, Erasmo véi.” “Mas tinha que

O general alterna momentos de raiva e exaltação, com momentos de extrema sensibilidade. Ele se emocionou lembrando algumas passagens de sua vida.

dar era pra você, você tinha que sair.”

Adailma – Por que o nome Arataca?

General - Arataca no Sul é nordestino da Bahia pra cima. Então, lá eles me chamavam de Arataca. *(Continuando)* Quando foi no outro dia, toca o telefone. Aí, uma voz disse: “Como é que você se sente no quadro de oficiais Gerais?” Aí eu disse: “Rapaz, tu não tem o que fazer não? Eu não sei nem com quem eu tô falando”. “Torres, a Yolanda manda um beijo pra Socorro”. Quando ele disse Yolanda eu... “Ô General Gentil, desculpa eu não conheci a voz do senhor”. Ele já morreu, Yolanda já morreu. “Torres, tu saíste General.” Eu disse: “Mas como?” “Saíste General, veio.” *(o primeiro colocado da lista teve um problema, o presidente Geisel não quis promover, e houve outro problema com o 16º da lista)* Aí é aquela história do pouquinho de sorte na vida. Estou contando isso porque é gostosa a vida! Quando a gente vive bem, jovem, quando a gente vive para viver a vida, fazer, ser útil à vida, é uma coisa gostosa. Aí, eu abri a porta e o meu chefe, que era o General Hélio Gomes Fernandes, um grande amigo que já morreu também, é ele tava despachando com um coronel, e ele tinha raiva no pé da goela. Qualquer coisa o Hélio ficava doente, com raiva. Aí eu *(disse)*: “Eu vou fazer uma raiva pro Hélio”. Aí eu fechei a porta, tranquei, cheguei e disse assim: “Coronel, levante-se e saia por aquela porta”. Olhe, prum coronel dizer isso prum outro coronel na frente de um general, e ele tava despachando com o general... O Hélio pipocou *(de raiva)*. “Ele vai me matar, mas

eu...” O coronel olhou, eu disse: “Coronel, por favor”. Abri a porta, ele saiu. Aí eu disse: “Esse véi vai me matar hoje, mas eu vou dar alegria pra ele. Aí eu disse: “Chefe, eu saí General”. Quando eu digo isso, ele deu um pulo, levantou *(e disse)*: “Tu saiu General”. Aí pegou o telefone, ligou pra Brasília... Essa alegria da gente ser gente. Eu liguei pra minha mulher. Aí minha mulher disse: “Meu filho, você general.” E pronto. Por coincidência, estava toda a família lá *(Campo Grande)*. Isso é que é vida! Saber viver.

Tassiana – General, o

“(...) Porque um professor que humilha, um professor na sua sala de aula que diz um nome feio tá lhe faltando com o respeito, ele tá abusando da autoridade dele. Isso não pode ser professor”.

senhor esteve no Exército durante 44 anos, certo? Quando o militar vai para a reserva, não há um certo choque?

General – Não, minha filha, eu me preparei. Eu sabia que um dia eu ia deixar meu Exército, mas não deixei não. Quase todos os dias eu vou na Região *(10ª Região Militar)* e vamos, e vamos, “vamo bora” faz continência. Lá na Santa Casa eu digo: “Olha, vamos todo mundo aprender a fazer continência *(risos da turma)*. A vida continua né? *(dirigindo-se ao Victor)* Teu pai de vez em quando faz continência.

Victor – Ele já aprendeu?

(O pai do Victor, doutor Gerardo Vasconcelos, dermatologista, é médico da Santa Casa)

(Riso de todos)

Tassiana – Mas o que é se ver... você acordar, não ter regras, não ter horário...

General – A vida continua minha filha. As mesmas regras. Eu aqui, acordo às cinco da manhã, eu leio, a minha mulher: “Diabo que ninguém dorme nessa casa.” E vamo bora minha filha que o tempo já tá se acabando. O mundo vai se acabar amanhã. Então, a gente continua a viver, viver intensamente, nós temos que viver intensamente *(com ênfase)* a vida.

Tassiana – O senhor tem algum arrependimento?

General – De quê?

Tassiana – Dos seus anos como militar?

General – Eu? Eu? Eu posso dizer que eu errei na minha vida. Duas vezes eu errei. E errei porque não segui o conselho da minha mulher. Foram duas vezes que eu errei. Uma foi no Piauí e a outra foi em São Paulo. Eu não sou Deus para acertar todas.

Átila – Qual foi o erro que o senhor cometeu?

General – Um foi que eu falei demais. Um problema político no Piauí, eu falei demais. O diabo dessa boca. Eu falei demais.

Victor – Que problema foi esse General?

General – Rapaz, eu não me lembro, só sei que eu errei. Só sei que foi um problema político. E em São Paulo *(bate na mesa três vezes)*, foi quando eu fiz um negócio que a minha mulher disse que eu não devia ter feito, diabo. Mas foi quando eu quis deixar a polícia de São Paulo e devia ter feito de outra maneira. Fiz errado. Entendeu?



Nas paredes da sala de jantar, local da entrevista, há muitos certificados, fotos da família pregadas na geladeira. Ele tentou nos deixar o mais a vontade possível.

O general passou toda a entrevista provocando a participação dos alunos. “Tá certo isso? Me respondam!” Em uma delas, até o professor Ronaldo respondeu.



Infelizmente, duas entrevistadoras não compareceram à entrevista, por motivos de saúde. Uma delas, CárITAS, era da equipe de produção. Ela ficou muito frustrada.

Átila – *O senhor sempre conversou com a sua mulher a respeito dos problemas?*

General - A minha mulher... a minha mulher era quem mandava em mim. E se não for assim, não vai não. Tu casa (*olha pro Átila*) e tu bota tua mulher para mandar em você, porque senão não dá. Certo? (*risos*) Estão rindo de quê? E outra coisa, vocês mulheres aprendam: homem com dinheiro no bolso não presta (*bate na mesa novamente*) É cabra safado! A mulher casou, segure o dinheiro do homem, não deixe ele sair.

Victor – *General, olhe só a sua família sempre esteve ligada a trabalhos sociais. E o senhor, na sua trajetória de vida, percebe-se vários trabalhos do senhor em instituições sociais. Queria que o senhor falasse sobre esta influência que o senhor recebeu da sua família.*

General - Meu pai? Meu pai é o seguinte. Meu pai era um perigo. A minha mãe que está viva com 97 anos (*Edite de Freitas Torres de Melo*), coitada... Meu pai pegava a gente, botava um dinheiro no bolso e a gente saía. Se chegasse um amigo e dissesse assim: “Rapaz, eu tô passando uma necessidade danada.” Ele metia a mão no bolso, ele nem queria saber quanto tinha. Então, meu pai vivia pros outros. A minha casa, eu não sei se já falei isso pra vocês, a minha casa era uma casa grande. Eram primos que vinham do (*Estado do Acre*, as tias que vinham do *Aquiraz (município da Região Metropolitana de Fortaleza, a 30 quilômetros de Fortaleza)*), vinham pra casa do papai. O papai resolvia os problemas de todo mundo. Então, nós vivemos isso

eternamente, nós estamos vivendo. Desde menino, eu me lembro no Natal, papai vamo boratodo mundo trabalhar. Ele chegava da loja, arranjava aqueles sacos de bombom com os amigos, arranjava um dinheirinho, já trazia tudo contado. Aí, nós íamos arrumar um saquinho pra levar para os velhos lá no Lar Torres de Melo (*asilo de mendicidade*). Eu vivi isso, então eu fui na onda e vou morrer assim! O que é que eu vou fazer?

Tassiana – *O senhor sempre teve essa consciência de ajudar o próximo, desde criança?*

“Eu posso dizer que eu errei na minha vida. Duas vezes eu errei. E errei porque não segui o conselho da minha mulher. (...) Uma foi no Piauí e a outra foi em São Paulo”.

General - Sempre. Eu acho que tem que ser. Tem outra maneira de viver? Ou a maneira de iver é roubar, pra ficar rico, pra ter um carro, pra ter um apartamento, depois arranja casa, aí no outro dia já não gosta daquela mulher, arruma outra, porque tem dinheiro no bolso? Isso é vida? Me responda se isso é vida. Eu só queria saber se isso é vida.

Adailma – *O que é mais gratificante no desenvolvimento desses trabalhos sociais?*

General – É você chegar e dormir tranquilo. É bom demais! Olha você dormir bem, é muito bom. Hoje é um dia bom. Eu fui gravar um programa na TV Diário (*programa Debates Urbanos*), quando eu fui saindo, chego

um rapaz: “General, eu sou aquele que telefonei, que o senhor arranjou a vaga e salvou a minha pessoa. Muito obrigado, General.” Oh, é bom demais! Não é bom demais? O que a senhora acha disso? (*olhando pra Adailma*) A senhora já recebeu parabéns por causa disso? (*olhar fixo pra Adailma*). Não é bom demais um negócio desses? Agora, você passar na rua, (*e dizerem*) aquele é ladrão, safado. É um político desordeiro. No dia em que eu saí da Câmara (*Municipal de Fortaleza, onde foi vereador*) até meu amigo Chico Lopes (*na época vereador de Fortaleza, pelo Partido Comunista do Brasil – Pcdob. Hoje, é deputado estadual pela mesma legenda*), que é comunista, chorou. “Pôxa, General o senhor não podia sair.” Chorava Chico Lopes, chorava eu. Um comunista chorando. Aí eu não fui eleito, não quiseram que eu fosse eleito. Agora, dá dinheiro pros outros, dou nada. Quem quiser votar em mim, vote, quem não quiser, não vote. O que eu acho que tem que ter é compostura, ser um bom político, ser um bom cidadão.

Victor - *Eu queria que o senhor falasse um pouco sobre a sua passagem pelo Lar Torres de Melo. Inclusive, o nome é em homenagem a sua família, não?*

General – É verdade. Quando eu era major, me era presidente (*do Lar Torres de Melo*). Eu ia lá. Sempre ajudamos. Meu pai morreu em 19 de novembro de 1969. Eu assumi o comando do CPOR (*Curso Preparatório de Oficiais da Reserva*) em 70. Aí o Magalhães (*Antônio Ferreira de Magalhães*), pai do prefeito (*de Fortaleza*)

O general antecipou uma reunião que teria no horário da entrevista para o mesmo horário do dia anterior, segunda-feira. A reunião era do Grupo Guararapes.

Juraci Magalhães. “O General vai ser presidente.” Aí eu passei três anos como presidente. Eu botei pra quebrar. *(Bate mais de 10 vezes com a caneta na mesa)* Os alunos do CPOR trabalharam para o asilo e trabalharam para o doutor Valdo *(doutor Valdo Pessoa, oculista do Instituto dos Cegos)*, no Instituto dos Cegos. Botei meu CPOR lá dentro e vamo, vamo, e não arranjava dinheiro, e vamo, vamos. Eu chegava no Banco do Nordeste, vestia minha farda, telefonava: “Mauro” *(Mauro Benevides era o presidente do Banco do Nordeste)*. Chegava lá e dizia: “Olha, o Lar Torres de Melo está precisando de uma lavanderia.” “Ah, é só isso que você quer? Nem precisava vir aqui.” Aí, pá chegava a lavanderia e vamo, vamo, vamo. Olha, eu peguei e botei aquele Lar Torres de Melo lá em cima. Não estava fazendo favor pra mim, não estava pedindo pra mim. Estava pedindo pra aqueles velhos, que estavam lá. Então, isso é gostoso demais. Agora, fique uma coisa certa. Eu estou olhando bem vocês. Eu vou morrer. Vocês vão no meu enterro, mas fiquem sabendo que eu vou pro céu e eu vou ficar lá, ao lado de São Pedro. (...) Eu não vou pro inferno. Quem quiser que vá!

Adilson – General, falando agora sobre o Instituto dos Cegos. O senhor falou certa vez que eles são pessoas que vêem espiritualmente. Qual a importância do contato entre o senhor e essas pessoas?

General – Olha, é maravilhoso! O cego tem uma

sensibilidade maravilhosa. Você chega, você tenta fazer a pessoa sentir a vida. Você ajudar a pessoa que é cega... Esses são cegos de material humano, que nascem cegos. O pior é você querer ajudar os cegos espirituais. Esses sim! São de lascar. O cego espiritual é difícil porque ele não enxerga nada, ele só enxerga ele mesmo. É egoísta.

Tassiana – General, como é o seu dia-a-dia na Santa Casa?

General – Olha, eu chego lá na Santa Casa têm 10, 20 telefonemas. Aí, uma pessoa não sei de onde diz: “Eu conheci

“(...) Eu vou morrer. Vocês vão no meu enterro, mas fiquem sabendo que eu vou pro céu e eu vou ficar lá, ao lado de São Pedro. (...) Eu não vou pro inferno. Quem quiser que vá”.

seu pai...” Assim, assim, assim. Eu já sei que ele vai pedir que a empregada dele está sem uma perna... quer que eu arranje uma perna. E aí começa. É fulano. É fulano. É fulano. E vai mandando. Vai mandando. E eu chamo a enfermeira: “Vai chegar mais um, mais um.” *(E ela)*: “Mas não tem mais vaga.” *(E eu)*: “Bota, bota, arruma.” A minha vida é isso aí. Então, chamo o capitão Figueiredo *(o capitão Orlando Figueiredo trabalha na Santa Casa desde a posse do General Torres de Melo. É o encarregado da manutenção do hospital, no que diz respeito a pequenas obras, consertos, falta d’água. Uma espécie de faz-tudo)* vamos consertar uma porta, ajeita aqui, como é que vamos resolver esse problema? É a

minha vida hoje na Santa Casa. *(o General Torres de Melo diariamente tem de resolver os problemas dos mais variados, como pegar cadeira de roda em um lugar, conseguir dinheiro para a reforma da Santa Casa)*. É esse inferno o tempo todo!

Victor – General, a Santa Casa é reconhecida por ser um hospital que não recusa paciente. Lá quem chega é atendido. Como é que o senhor consegue?

General – Rapaz, a gente tem que ter fé em Deus. Olha, só não há jeito para a morte. Enquanto há vida, há solução.

Quando há boa vontade, você resolve qualquer coisa. Agora, quando há má-vontade... Eu conheci uma pessoa que eu dizia assim: “O coronel fulano de tal parece que quando acorda em vez de botar manteiga no pão, ele bota fel.” O sujeito está sempre azedo, com raiva, reclamando da vida. E não sei o quê. Quando você vê uma pessoa: “Eu resolvo, tem solução.” Aí a coisa vai!

Tassiana – General, mas mesmo com boa vontade, como é administrar sem recursos?

General – Chega, Deus chega. No Lar Torres de Melo tem uma enfermeira chamada Marlene, que eu a chamo “Santa Marlene”. Ela diz: “General, daqui a pouco chega a mão de Deus.” Chega um, quatro sacas de feijão *(suspiro)*, aí chega outro: está aqui o remédio. Parece mentira! Mas é assim.

Adailma – O senhor nessa situação de surgir ajuda pingada. E talvez dentro desse pensamento, o senhor já chegou a afirmar que o Governo Federal inviabiliza o tratamento...

General – Inviabiliza. Porque o Governo Federal,



Em nenhum momento, a sua atual esposa, Maria Helena, apareceu na sala durante a entrevista. O general casou-se pela segunda vez há 13 anos.

O general perdeu sua primeira mulher, Socorro, há 15 anos, quando já era general e estava trabalhando na Amazônia.



Já próximo do final da entrevista, o general se dirigiu à aluna Tassiana e pediu que abrisse um armário. O mofo provocou reação alérgica em Tassiana.

minha senhora... Vocês são culpados (*exaltado*). Sabem. Porque vocês votaram no Fernando Henrique, agora agüente! Eu não votei nele. Agora agüente!

Adailma – Como o Governo inviabiliza?

General – Porque todo mundo sabia que ele era irresponsável. Eu cansei de dizer. Metido a socialista, coisa nenhuma. Vá pro diabo que o carregue! Taí, o país do jeito que está. O sujeito nunca pregou um prego numa barra de sabão. Você já pregou um prego em uma barra de sabão? (*risos*). Não? Pois chegue em casa (*dirigindo-se para Adailma*), pegue uma barra de sabão, bote um prego... Não faz força. Nunca fez força. O sujeito não conhece o Ceará, não conhece o Brasil. Nunca viveu, viveu sempre na boa. Esses meninos da Fazenda (*referindo-se ao ministro Pedro Malan e sua equipe*) não sabem nem onde fica o Piauí. Pensa que é na África. Não pode ser assim!

Adailma – Que atitudes do Governo, o senhor vê como inviabilizadora desse trabalho?

General – Porque ele não fala a verdade, ele mente para o povo, ele não diz a verdade. O país faliu. Então, ele devia chegar, chegar, fazer como o Winston (*Spencer*) Churchill (*estadista inglês, 1874-1965, foi o Primeiro Ministro da Inglaterra, de 10 de maio de 1940 a 23 de maio de 1945*). Conhece a história de Churchill? Aí não dá pra gente conversar (*risos*). O Churchill quando ele assumiu ele substituiu quem? Vamos ver quem sabe aqui? (*silêncio*). Meu Deus do Céu! (*risos*). Como é que pode? Quando ele substituiu o ministro Chamberlain (*Joseph*

Chamberlain, estadista, foi ministro das finanças da Inglaterra, depois Primeiro Ministro, de 1937 a 1940), ele disse uma frase que até hoje se repete no mundo e daqui a cinco mil anos vão dizer: “Eu só prometo à Inglaterra, sangue, suor e lágrimas.” E ganhou a guerra, por quê? Porque tinha fé. Porque dizia: “A Inglaterra não se rende, vamos, vamos, vamos.” Porque ele estava lá com a alma. Tá todo mundo mareado (*no Brasil de hoje*). Pra onde é que eu vou? Estamos perdidos!

Tassiana – Qual é o rumo?

General – Eu não sei, eu

“(...) Esse negócio também de ser santo, quando eu vejo um sujeito muito santo, um sujeito muito rezador, quando o sujeito reza muito é porque ele tem culpa, né?”

não sei. Eu tô doído pra dar um rumo a esse negócio, mas eu não sei, eu não sei aonde nós vamos parar.

Átila – Em 1991, o senhor estava no Grupo Guararapes, composto por militares da reserva, que se reuniram para repensar o país. O senhor encontrou alguma oposição dos setores da ativa?

General – Não! Agora mesmo o telefone estava lá, 14:30 tocou o telefone, era de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. “De onde está falando?” É com o General Torres de Melo. “É com o senhor que eu quero falar, acabei de ler um artigo do Grupo Guararapes no jornal Inconfidência (*jornal do Grupo Guararapes*). É por aí. Do jeito que está aí. “Aonde

estão as Forças Armadas que não tomam conta, General?” “Meu caro amigo, não são as Forças Armadas, é o povo, o povo é que tem que ir pra rua.”

Átila – Se o povo exigir vocês vão para a rua?

General – Vamos. Porque eu sou o povo. Agora, não é possível. Nós temos que ter a noção. Tudo na vida tem que ser sério. Quando você for casar, você, você (*aponta para cada um dos entrevistadores*)

. O casamento tem que ser sério. Eu vou contar isso aqui, que é fora de série. É bom porque vai servir de lição pra vocês. Eu comecei a namorar

minha querida Socorro

(*olha pra sala e pergunta se a mulher Helena está por aí*). Tá não. Comecei a

namorar a Socorro e no dia seguinte eu disse: “Papai,

eu vou pedir a mão da Socorro.” Ele olhou e disse:

“Meu filho, você sabe o que está fazendo?” “Queria casar com a Socorro, eu gosto da Socorro.” “Meu

filho, casamento é um negócio sério.” “Tu vai

casar com a Socorro pro

resto da vida, né?” “Sim papai.”

Fomos lá, meu pai chegou e tal, e depois me

chamou... E eu casei com a minha mulher e eu dizia assim:

“Minha véia, eu mesmo véio não se separa nunca.” E ela

morreu, o que eu posso fazer? Deus a levou. O que eu vou

fazer? A coisa tem que ser sério na vida. A pessoa casa

hoje... Não gostei. Não gostou porra nenhuma (*exaltado*).

Tem que ir até o fim, gostando ou não vai até o fim, diabo.

Que negócio é esse? Só isto. Não precisa mais. Não quero

que seja um santo não. Esse negócio também de ser santo,

quando eu vejo um sujeito muito santo, um sujeito muito

rezador, quando o sujeito reza muito é porque ele tem culpa,

O aluno Victor estava muito gripado durante a entrevista, tossindo a todo momento. Na transcrição das fitas, as falas do general disputavam espaço com a tosse de Victor.

né? Tem que ser sério, ser governador, ser respeitado, fazer direitinho, tudo certo. Agora, o sujeito se elege vereador, aí bota cinco, seis no gabinete, o outro emprega não sei o quê. o outro vem e pega dacolá... Que País é este? Está certo um negócio desse? Está certo?

Tassiana: *General, o senhor foi candidato a prefeito, né?*

General: Fui....

Tassiana - *O que fez o senhor ser candidato a prefeito?*

General: Eu fui candidato a prefeito pra protestar. E não me arrependo não. Eu às vezes tenho vontade de ser de novo, só pra chegar e dizer assim, botar o dedo, e dizer: "Não pode ser assim!" Ver alguém chegar e dizer assim: "Eu só voto no senhor se o senhor me der um milheiro de telha". "Pois não vote em mim não, vá pra lá, seu safado!" Aí chegam pra mim: "General, assim o senhor perde a eleição!" Mas eu não quero saber de eleição... Assim não dá... Eu lembro aqui dentro dessa

minha casa, chegaram aqui os parceiros: "General, o senhor sabe, os militares tão muito por baixo, seria bom que o senhor não dissesse nos comícios que o senhor é general..." "O quê? O quê? Agora é que eu vou dizer!" "Mas general... o senhor vai perder..." "Mas eu não quero nem saber! Eu vou deixar de amar o Exército, a minha profissão?" Chegava nos comícios e dizia: "Antes de qualquer coisa, eu gostaria de dizer que eu me orgulho de ser general do meu Exército!" Agora, eu sou general, mas não sou ladrão! Tá ouvindo!? Tão ouvindo bem!? Como general do Exército, eu tenho

que dizer isso".

Victor: *E a sua candidatura... a sua candidatura não. O senhor foi vereador de Fortaleza...*

General: Fui, fui, tive raiva.. mas fui...foi bom. E interessante, me dei bem com a esquerda, fiquei lá com meu amigo Chico Lopes, todos eles são meus amigos... Reclamavam pra lá, e eu reclamava pracolá, mas nós nos respeitávamos, você tem direito de ter suas idéias. Agora, nós temos que nos respeitar, porque senão não vai, a coisa não dá.

Tassiana: *Mas quais eram*

"Eu fui candidato a prefeito pra protestar. E não me arrependo não. Eu às vezes tenho vontade de ser de novo, só pra chegar e dizer assim, botar o dedo, e dizer: 'Não pode ser assim!'"

os seus projetos? Conseguiu alguma conclusão?

General: Consegui. Mas eu sei, o que eu consegui é coisa de sonho, mas...tem uma lei aí que eu estou só esperando.. uma lei aí que eu fiz, o prefeito sancionou. Mas aqui no Brasil tem o negócio que lei pega ou lei não pega... só num país desses.. isso se chama País sem cultura! País sem cultura! Eu fiz uma lei porque... Hoje eu vou pra Portugal. Chegar lá em Portugal, tá lá: ônibus a álcool, ônibus elétrico. Aí você anda em Lisboa de bonde. Por quê? Porque você tem que economizar... a gasolina é cara. É condução. Hoje todo mundo tá correndo para o gás, motor

a gás. Aqui eu fiz... toda vez que eu tomo um táxi eu pergunto: "Qual o seu combustível?" "Gasolina". "É burro. O gás, o preço é lá embaixo, e você roda mais". "É, mas o senhor sabe..." Mas eu fiz a lei que todos os ônibus de Fortaleza deveriam ter gás, ser movido a gás. Mas o interesse econômico é grande, não querem, e o povo que se lasque, que se dane. Se tivesse gás nos ônibus, a passagem iria lá pra baixo. Outra vez, eu tentei mas não consegui. O estudante paga meia não é? Aí eu cheguei e disse: "Vamos fazer o seguinte: em todos os ônibus, a passagem fica igual à meia, todo mundo paga meia". Uma resposta de um estudante pra mim: "General, muito bem, nós concordamos, mas, amanhã, eles aumentam a cesta básica". Na desconfiança, no roubo, na safadagem, ninguém controla a Nação. Eu sei. Porque se eu, na época, colocasse todo mundo com meia passagem, os donos de ônibus iriam ganhar mais do que atualmente.

Adilson: *General, na época do governo Itamar, o senhor participou de uma Comissão Especial de Investigação...*

General: Tá aqui ela... eu tava só esperando... tá aqui o relatório... tá tudo aqui... Olha, você falou... eu já fiquei com raiva! (*exaltado*)

Adilson: *Mas na opinião do senhor, por que o governo atual não está dando a devida atenção pra essa comissão?*

General: Porque, quando ele foi eleito, com uma semana, ele acabou com tudo isso. Deu fim, porque foi eleito por essa cambada que tá aqui (*aponta para o relatório*) olha Eduardo Modiano (*um dos principais*



Antes do início da entrevista, um dos alunos pediu um copo d'água. O general então comandou: "A água está na geladeira. Depois ponha o copo na pia". Disciplina é isso aí.

Quando terminou a entrevista, ele disse: "Tá bom? Mas agora eu vou falar!". E começou a mostrar relatórios e a falar de várias CPIs.



Foram mais de 30 minutos de conversa após a entrevista. Ele falou dos problemas do Brasil e dos ex-presidentes.

assessores do presidente Fernando Henrique Cardoso). Eu tô relendo aqui pra não esquecer... eu não esqueço... o que fizeram contra o meu País, o que fizeram contra vocês aí, eu não esqueço nunca. Eu vou morrer com cento e poucos anos, mas enquanto eu puder... égua esse véi não ...mas eu vou! tá aqui..

Victor: O que é isso aí?

General: Isso aqui é o relatório da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito do presidente e deputado José Lourenço (PPR, BA) e do vice-presidente e deputado Paulo Ramos (PDT, RJ) Quando foram fazer a lei da privatização, sabe em que eles se basearam? Um relatório feito pelo First Bank, de Boston, e esse banco fez um relatório e efetuaram no dia 1°, que tá aqui dentro porque fez safadagem e aqui é outra comissão .. essa aqui é a comissão dos Anões (*refere-se à CPI do Orçamento*). O que tem de gente safada nesse mundo! E tão aí... tão aí deputado, senador e não foram pra cadeia! Não é possível um negócio desse... é possível? Me diz... é possível?

Victor: Cite alguns aí general....

General: Tá aqui, só tomar nota, tá tudo aqui...

Tassiana: Eles não deram atenção ao resultado dessa...

General: (interrompendo) Deram não! Mandaram isso aqui. O Passarinho, o Jarbas Passarinho (*ex-senador e governador do Pará e ex-ministro de Estado*), que é meu amigo, pegou tudo isso aqui e mandou isso aqui pro Ministério Público, tá lá engavetado. Aquele sujeito que disse que tirou não sei quanto na loteria não foi preso... João Alves (*ex-deputado federal*)... eu não tirei nenhuma vez na loteria.

Adailma: O senhor continua concordando que pra esse tipo de pessoa, que cometa a corrupção, é válida a pena de morte?

General: Eu? A senhora já imaginou quantas pessoas morreram sem remédio porque o dinheiro foi desviado?

Adailma: Então o senhor concorda...

General: Concordo! Concordo! A senhora acha que tá certo pegar... como esses sujeitos que estão aqui? Roubaram o dinheiro de Itapipoca (*cidade do interior do Estado do Ceará, a 138 quilômetros de Fortaleza*), um

“Mas aqui no Brasil tem o negócio que lei pega ou lei não pega... só num país desses... Isso se chama País sem cultura! País sem cultura!”

hospital parado, o dinheiro foi desviado, as pessoas que moram na Santa Casa porque não têm remédio, às vezes, e eles estão aí soltos, quem deveria morrer? Eles ou o sujeito?

Adailma: Então o senhor acha que um homem tem o direito de tirar a vida de outro homem...

General: Ora... Eu só queria saber... teve uma passagem na minha vida que até hoje, quando eu falo, meus músculos ainda tremem. Quando eram oito horas da manhã em São Paulo mas eu ainda vou voltar isso aqui viu doutor, porque é bom que vocês saibam (*apontando para o relatório da CPI*). Toca o telefone: “Comandante nós estamos aqui na 16ª Delegacia

e estamos numa situação difícilíssima” “O que é tenente?” “Uma filha de um sargento foi estuprada.. tá aqui a moça, com a outra. Duas moças estupradas por um cabra safado!” Aí eu disse: “Vou praí”. Cheguei lá, vi duas moças bonitas, e elas choravam: “O que será de mim?” “O que fizeram comigo?” Vocês já imaginaram, não imaginaram? E eu aqui... chegou o sargento, esse homem veio que era uma fera: “Eu vou matar esses criminosos!” E eu a segurar este homem: “O que é isso sargento? Você não pode matar ninguém!” E ele

esperneava. Este homem louco.. até hoje, meu braço ainda doe.. aí conseguimos acalmá-lo. Ele levou esta filha.. não sei qual foi o destino dessa moça. Sei que os criminosos fugiram, eu telefonei pro delegado da Polícia Civil e disse: “Doutor, nós vamos buscar esses animais onde eles estiverem”. Resultado da estória: a minha policia foi

presa na cidade de Minas Gerais porque invadiu o estado de São Paulo para prender os santos que defloraram as meninas. Tá certo um negócio desses? Tá certo? Responde!

Tassiana: General, no seu livro “Comandar”, o senhor enfatiza muito a burocracia existente aqui no País. Ela é realmente um entrave para o desenvolvimento?

General: É. Porque a nossa legislação, a legislação brasileira tem um ranço da civilização ibérica. A civilização ibérica, pra manter o seu Império, tinha que manter o controle à distância. E esse controle era centralizado na mão do Rei, do Primeiro Ministro. Existe até um negócio chamado as pombalinas, que são as

O general comparou o Brasil com outros países. Entre outras críticas que ele fez, criticou o nível cultural da população.

ordenanças feitas na época de Pombal (*Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras, Marquês de Pombal, estadista português, nascido em 1699 e falecido em 1782, personagem importante na história do Brasil-colônia*). Porque como o Reino ficava muito longe das colônias, tinha que haver um controle. Se vocês pegarem um processo no tempo do El-Rei... No dia tal, há tantos dias do dia em que foi coroado o Rei não sei o quê, filho de não sei quem, pá, pá, pá, pá... levava uma página todinha! (*para mostrar a burocracia, ranço da civilização ibérica*) E eu pergunto (*porque podia matar logo, né?*): “A senhora fez isso mesmo ou não fez?” Lá nos Estados Unidos, a cultura anglo-saxônica parte de outro princípio, de que o cidadão é responsável. Então aqui, se parte do princípio de que o cidadão é ladrão. Então todo mundo é ladrão. Para o governo, todo mundo é ladrão. Ou não é? Porque o brasileiro não presta, o brasileiro é safado... Lá na cultura anglo-saxônica, o cidadão é um cidadão respeitado e responsável pelos seus atos perante a Lei. (*ditando sílaba por sílaba*) Então a coisa é menos burocrática, porque eles sabem (*eles podem roubar, podem roubar na Inglaterra, na Alemanha, nos Estados Unidos*) mas ele sabe que o pau vai entrar, se ele for pego, o pau ronca feio... Aqui, o sujeito é considerado ladrão antes de roubar. Aí ele diz: “Eu vou roubar logo!” E vai nessa encrenca e vai daqui, vai acolá. E acaba não sendo condenado.

Victor: O senhor sentiu essa burocracia também na Santa Casa?

General: Olha, meu filho, eu sou obrigado a fazer. Eu tenho é feito força pra acabar. Nós somos ladrões aqui dentro? Se eu digo: “Vai comprar um parafuso!”. A pessoa diz: “É preciso olhar em 4, 5 casas...”. “Diabo, compra o parafuso! Eu preciso é salvar a vida da pessoa!” Entendeu o que quero dizer? Aí fica tittititi... vai pro diabo que o carregue!

Tassiana: E durante os comandos? Como era a burocracia?

General: Ah, minha filha! Ihhhh, eu já contei o caso do oficial? O caso do major lá de

“Lá nos Estados Unidos, a cultura anglo-saxônica parte de outro princípio, de que o cidadão é responsável. Então aqui, se parte do princípio de que o cidadão é ladrão”.

Manaus? Então lá vai! Eu cheguei lá em Manaus, e dois dias depois chegou um oficial pramime disse: “Comandante, um major morreu ano passado de câncer... o senhor tá sabendo que chegou o major fulano de tal, ele tá na região, aqui ele vai ser subordinado do senhor, e ele vai ser operado amanhã de apendicite”. Eu não tinha ido a nenhum hospital ainda, não tinha tido nem tempo. Eu tava chegando ainda, minha mulher não tava nem lá ainda. Aí eu fui. Quando chego lá, tá lá o comandante... O comandante chegou, olhou... Foi o primeiro encontro que eu tive com ele... com esse coronel... tô contando essa história pra gente chegar lá: “Cadê um oficial meu que tem aqui coronel?” “Tá ali”. Aí nós

fomos lá visitar. Aí eu marchei pra subir pela rampa. Tinha uma rampa e tinha uma escada. Quando fui subir pela rampa, ele: “Não, general, vamos pela escada!” Eu pensei: “Esse coronel não quer que eu vá pela rampa, essa rampa tá suja”. Aí eu: “Não, eu vou pela rampa mesmo, quicunã gosto de escada”. Ora, aí no meio tava uma sujeira maior do mundo. No outro dia, vamos pela rampa. “Não vou não, vou pela escada”. Num dia eu chego lá no hospital. Tudo diferente. “O que é que tá havendo aqui?” Aí eu: “Mas o que é que tá havendo aqui?”

Ele: “Comandante, tem um major, sub-comandante do CIGS (*Centro de Instrução de Guerra na Selva*) mal”. E eu: “Rapaz, o que é que ele tem?”. “Comandante, um tumor na cabeça”. “Então vamos lá...” Aquele quarto escuro. “Mas rapaz, como é que vai ser esse negócio?” “Coronel, esse homem não pode ficar aqui. Se ele ficar aqui, esse homem tá morto”. “Vamos mandar pro Rio de Janeiro. Embarca ele hoje à noite pela Transbrasil... sem falta!” “Senhor, mas não pode”. “Como não pode? Não tô dando ordem?” “Ahh, mas pro major ir pro Rio de Janeiro, o senhor tem que pedir permissão a Brasília. Brasília tem que dar permissão pro senhor e isso vai levar umas 48 horas”. Eu digo: “Morreu o homem... Coronel, o homem vai na Transbrasil queira ou não queira, chova canivete, se alguém tiver que ser preso, eu vou preso, não é você. Eu tô dando a ordem. Chama o serviço de embarque e embarca o homem, e outra coisa: telefona pro Rio de Janeiro e manda ambulância, manda médico, vamos, vamos...” Foi a sorte desse major. Chegou às



Sobre a crise que o País vive, ele disse: “Crise política você vai empurrando (...) Mas tem uma coisa que você não pára. É a crise moral. Quando uma nação começa a se degradar...”

Ele se empolga falando de política. Nesses momentos, suas veias parecem saltar. “Que País é este?”, falando das corrupções, da burocracia e dos políticos.



Sobre os problemas do País: "Este é o País onde nós vivemos. Este é o País desses escândalos". Ele batia e mostrava, a todo momento, os vários relatórios de CPIs que possui.

3 horas da manhã no Rio. Tava todo mundo... que os médicos olharam, correram, abriram a cabeça do homem, tiraram o tumor, era benigno. Uma vez chegou coronel aqui, e veio: "Senão fosse o senhor..." Quer dizer, a burocracia ia matar o homem... Responde: tá certo um negócio desse? Responde! Tá certo??? Mas vocês vão encontrar isso por aí. Ainda hoje é assim... Chega aquele pessoal de Brasília: "É que nós temos que fazer uma auditoria..." Aí você fica olhando... Como se a gente fosse imbecil, né!? Aí eles vão embora, enrolam, enrolam, enrolam e não fazem nada!

Tassiana: General, o que representou a sua esposa, a Socorro, na construção do general?

General: Ahh! Foi tudo na minha vida! Sem a minha velha, a minha querida velha... mas era bonita, era bonita! Como essa velha que tá aí (referindo-se à esposa atual).

Victor: Como vocês se conheceram?

General: Eu conheci, rapaz... é a tal história. Quando tem que acontecer... eu era aspirante aqui dentro, pensei que era dono de tudo quanto era moça que namorava comigo. Aí eu – naquela época, o aspirante era tudo – tudo quanto era moça queria casar com a gente... os homens iam embora pra morar fora... Aí todo sábado tinha uma dançazinha no (Clube) Ideal (um dos mais tradicionais de Fortaleza). E tinha que ir de paletó e gravata. Aí eu olhei aquela moça bonita... mas eu não sei dançar. Mas pensei eu vou lá, se ela me cortar, o que eu vou fazer né? Aí criei coragem. Ela tava com um casal. Me dirigi ao senhor – naquela época tinha educação, hoje é só assoviar (faz um gesto

com o dedo, como se estivesse chamando alguém): aí pedi a permissão pra dançar com a moça e ele: "Pois não" E eu olhava pra ela: "Meu Deus, como essa moça é parecida com família minha!" Eu tinha um tio que era casado com uma tia da irmã do meu pai, que era o João Mendes Carvalho e essa moça era muito parecida com a família Carvalho. Olhei pra ela, e dançando, bancando o besta, pensando que eu era o maior, mas ela era muito mais sabida que eu. Aí eu perguntei: "A senhorita conhece, por acaso... a senhorita é sobrinha do tio

"Ahh! Foi tudo na minha vida! Sem a minha velha, a minha querida velha... mas era bonita, era bonita! Como essa velha que tá aí (referindo-se à esposa atual)".

Mendes que é casado com a tia (Marieta)". E ela: "Sou!". Ahh, por isso que você é muito bonita!" E assim foi... Mas Deus quis levá-la, o que posso fazer?

Tassiana: O senhor diz que ela foi essencial para a construção do general, nessa vida difícil de viagem...

General: Epa! Oba! Mas era bom demais... e quando a gente não tinha dinheiro, a gente ficava em casa conversando. Me lembro quando meu pai chegou em casa um dia, e eu nem sabia que ele tava lá com tia Marieta, tia Alzira (tias do general, irmãs de seu pai). Aí ela só fez assim (faz um gesto de desapontamento): "A gente não tem nada pra oferecer... nós tamo é lascado" Fui na

casa de um grande amigo que eu perdi agora – Cecil Wall Barbosa de Carvalho (coronel da FEB – Força Expedicionária Brasileira) pedi licença: "João, papai chegou e não tenho um tostão. Me empresta uns cinquenta reais" "Toma! Aí me emprestou 50 reais" E nós fizemos um almoço gostoso. E quando foi à noite que nós fomos conversar, Papai: "Hum, que almoço bom... vocês tão é bem hein!" Mas papai entendeu a coisa, chegou e me deu uma cédula de mil reais (ele se equivocou com a moeda).

Tassiana: Se elativenessse dito pro senhor parar, o senhor teria parado a carreira militar?

General: Mas ela era quem me empurrava prá frente, vamos vamos. Ela lá era mulher de pararnada!

Adailma: Mas como o senhor definiria a personalidade de sua mulher que o senhor tanto amou?

General: É mulher.. tem coisa mais bonita que mulher? Tem nada!

Victor: General, qual é a sua relação com seus filhos?

General: Bem, todo domingo eles vêm aqui, tomam café. Eles me adoram, acham que eu sou o maior, me beijam. Não tem problema com isso.

Victor: E nessas viagens, que o senhor...

General: Eles sofreram pra burro! A minha filha mais nova teve uma febre em Corumbá (no Estado do Mato Grosso) e eu tive que chamar o médico. O médico disse: "Não, isso é ojeriza à bagagem (risos) febre de bagagem..." Em três meses, abriu tudo quanto é caixote e botou tudo.. mas não tem problema, não há problema com meus filhos...

Tassiana: E o seu segundo

"A coisa pior do nosso Brasil... nós temos 50% da nossa população analfabeta. Muitos deles sabem ler e escrever mas não sabem nem o que estão lendo".

casamento? O senhor pensou em ficar sozinho?

General: Não. Não. Eu não tinha como viver... eu não tenho como viver só. Essa pobre véia, tá aí. Sofre pra burro! Ela é minha prima também. O ex-marido dela é primo legítimo meu. Ela ficou viúva um mês antes de eu ficar. É uma beleza!

Adailma: *Quais os seus sentimentos no momento da perda?*

General: Minha filha, não

tem.. não adianta eu querer dizer. Porque você fica assim... não dá pra compreender! Não tem... você fica assim.. meu Deus como é? Ela arrumava minha roupa... (essa aí também). Ela que bota minha roupa, minha meia, minha cueca.. tudo.. aí, minha gravata tá ruim.. mesma coisa era ela.. quer dizer, eu sou um sujeito felicíssimo! As minhas mulheres me tratam assim..

que é que eu quero mais? Agora, também elas são bonitas.. senão não vai.. (risos) é não?

Ao final da entrevista, o General perguntou: "Tá bom? Bom, mas agora eu vou falar". E começou a falar sobre as CPIs e os documentos que ele reuniu (os relatórios, os documentos, etc). E falou sobre a situação do país durante meia hora.



O general criticou a passividade da juventude: "E vocês o que é que estão fazendo? O que é que vocês estão fazendo para os seus filhos?"